



4820 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT24 - Educação e Arte

(Proble)matiz-ar pesquisas e(m) educações: fissuras metodológicas (em via)gem
Alda Regina Tognini Romaguera - UNIVERSIDADE DE SOROCABA
Elenise Cristina Pires Andrade - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

(Proble)matiz-ar pesquisas e(m) educações: fissuras metodológicas (em via)gem

RESUMO

Propomos, neste texto, problematizar pesquisas e(m) educações em suas dimensões metodológicas, apresentando algumas de nossas vivências com trabalhos acadêmicos, seja como estudosas, orientadoras ou membros de bancas. Apostamos na intensidade da invenção de múltiplos artefatos sensíveis como cartões postais, vídeo poemas, vídeo cartas, cartas, contos, fotografias, poemas, danças, performances, instalações. Trazemos as potências desses fluxos desde dentro de uma formatação metodológica estudada, concretizada e expressa pelas normas acadêmicas e que, mesmo assim, fraturam os caminhos ao abrirem mão das certezas, mas não do planejamento; resistem a uma vontade exclusiva de explicação e interpretação, sem abandonar a análise da/na produção dos dados, eventos e conhecimentos. Nossa proposta é arrastar o conceito de devir para escapar de uma concepção monolítica sobre o lugar e o funcionamento da metodologia de pesquisa em educação; fissurar metodologias por uma poética da produção de sentidos; deslocar o 'mesmo lugar', no encontro entre pessoas e objetos e sensações, com composições à deriva, mutantes a cada acontecimento.

Palavras chave: Metodologia de pesquisa. Arte. Devir.

Envolver o deslocamento na viagem, na vontade, não resistir e deixar-se levar. Dar as costas à linearidade do tempo, da função forçada onde tudo e todos precisam ter uma utilidade. Des-ligar. Des-travar as portas dos fluxos de tempos e memórias e conhecimentos. Estar querendo. Querer estando. Deixar-se MARavilHAR.

(ANDRADE; BAU; PINTO FILHO, 2011, p. 113)

(em via) de problematizar pesquisas e(m) educações

Deixar-se MARIellar!

Deixar-se ouvir as Marias, Mahins^[1], Marielles, malês^[2].

Re-voltar-se (em via)gem deslocada em MARGens. Bordar as bordas em deslocamentos. *Brasil, meu nego/Deixa eu te contar/A história que a história não conta/O avesso do mesmo lugar/Na luta é que a gente se encontra.*

Nesse maravilhamento proporcionado pelo desfile da escola campeã do Carnaval 2019, a Estação Primeira de Mangueira com o enredo "História pra Ninar Gente Grande", propomos problematizar pesquisas e(m) educações em suas dimensões metodológicas. Vontades de destravar as portas dos fluxos decorrentes de nossas vivências junto a trabalhos acadêmicos, ora como estudosas, ora como orientadoras ou membros de bancas, quando nos deparamos com inúmeras apostas de uma rede gerativa a inventar múltiplos artefatos sensíveis como cartões postais, vídeo poemas, vídeo cartas, cartas, contos, fotografias, poemas, danças, performances, instalações. Trazer, para esse texto, as potências desses fluxos desde dentro de uma formatação metodológica estudada, concretizada e expressa pelas normas acadêmicas e que, mesmo assim, fraturam uma generalização ditatorial de uma história explicativa e argumentativa única... *A história que a história não conta/O avesso do mesmo lugar.*

Escolhemos, então, desfilar e mergulhar neste avesso para desfocar os focos metodológicos que insistem em locar as pesquisas em educação num mesmo lugar. Deslocar. "Escapar cada vez mais do objeto como representação de algo a ser estudado e se aproximar do objeto como intensidade, força, sensação, sonho, delírio, desejo. Escapar da consciência, do racional lógico e explorar o corpo que explode o conhecimento (BASTOS, p. 25, 2018)". Corpo-escrita que insiste na manutenção de um modelo-livro para as expressões acadêmicas. A proposta deste texto, portanto, é desfilar junto a algumas produções acadêmicas que se deslocam desta perspectiva do 'direito' historicizante e produzem no 'avesso', *objetos escapados*, ex capas a protegerem-no do mesmo lugar. Escrita, procedimentos metodológicos e éticos, revisão bibliográfica, pesquisadores e pesquisados a sambarem na apoteose da intensidade. Em vi(d)as de... (De)vir.

O devir não produz outra coisa senão ele próprio. [...] O que é real é o próprio devir, o bloco do devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna. [...] como um devir não tem sujeito distinto de si mesmo; mas também como ele não tem termo, porque seu termo por sua vez só existe tomado num outro devir do qual ele é o sujeito, e que coexiste, que faz bloco com o primeiro. É o princípio de uma realidade própria ao devir [...] (DELEUZE; GUATTARI, p. 18, 1997).

Nossa proposta, portanto, é arrastar o conceito do devir para escapar de uma concepção monolítica sobre o lugar e o funcionamento da metodologia de pesquisa em educação. Deslocar o 'mesmo lugar', não necessariamente negando-o nem o excluindo. Se a função da metodologia científica neste campo de pesquisas seria a de conferir coerência entre as escolhas epistemológicas e os questionamentos propulsores do trabalho, um caminho traçado visando às possibilidades de registro e análises argumentativas, então, como propor-se a entender um caminho como intensidade? Deixar-se

invadir pelo paradoxal, propondo-nos a uma (via)gem por funcionamentos que registram sem capturar, *como respiração criadora de vida...*

(...) Na arte ou na filosofia, criar é resistir. A resistência é, então a acção de uma força de vida-contra-morte que desalinha as significações estabelecidas, e, no movimento que a constitui, rompe com a ordenação categorial de um fundamento para a existência, afirmando o devir, como respiração criadora de vida. A resistência é, nesse sentido, acontecimento (VILELA, p. 292, 2010).

Resistir, fugir, escapar – fazer resistir, fugir, escapar – envolve uma redistribuição dos possíveis, um enfrentamento do condicionamento das metodologias às referências, às identidades, às personificações. Pensamentos em procedimentos metodológicos sentidos, em seus efeitos, nos conhecimentos invadidos pelas possibilidades de abertura de vazios. (...). Morte da forma da verdade, dos registros documentais como prova de passado. Morte da fixação de qualidades, características, propriedades do que existe, do que pode existir. Existências em devir. Efetuação de morte e vida.

Traços, cores, luzes, linhas, contornos em intensidades pelas fotografias, poemas, performances, escritas. Manoel de Barros nos sussurra: “Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado (BARROS, 2013, p. 450)”. Que *desvisões* seriam essas a desviarem das explicações e representações? Adicionemos ainda mais um tempero a essas (im)possibilidades: como tencionar uma metodologia distendida como violência no pensamento a nos provocar a pensar o impensado, traíndo os procedimentos de uma escrita de ordem, sempre “em nome de”, desenhando procedimentos metodológicos que acolhem o gesto do desmanche, desfiando-a para além do território da interpretação e arrastando o pensar junto a uma metodologia para o fora? Não se trata de levá-la para fora, mas de tentar pensá-la para fora dos territórios estritos da escrita, da sintaxe, dos limites.

Estava pronta para uma *nova viagem*, o que não significa dizer que iria para outro lugar. Desterrei o pensamento e a vida do solo firme e segui as ondas que, ainda, me levavam até os caiçaras: mulheres, homens e crianças. Percebi, então, que a pesquisa já estava navegando e que não era [é] possível estabelecer um domínio sobre os caiçaras, capturá-los e identificá-los por uma história preexistente, tampouco esperar que suas vidas parassem para que essa pesquisa que desenhei outrora acontecesse. Em tempo, fugi dessa lógica fundada e fundante que tem organizado historicamente espaço e tempo e recriei a minha ideia inicial de projeto (PEREIRA, p. 20, 2018).

Deslocamento em fuga de uma lógica fundada e fundante, como nos apresenta a pesquisadora. “O que fazer com os monstros, como tratar as monstruosidades? Que não se deixam converter nem capturar, que julgam sentir e pensar por si próprios, mesmo se ainda não existem?” (GODINHO, 2016, p. 32). Expulsar, na ex capa em funcionamento do *escape*, desta fuga. Convidar o que não se deixa converter nem capturar para uma existência em intensidade nas pesquisas em educação. Não pretender que as escolhas e os procedimentos metodológicos sejam entendidos apenas como um *tratamento* para as feridas, as deformidades, os tumores, as hemorragias...

Permitir-mo-nos experimentar um movimento de subversão do ‘mesmo lugar’ do conhecimento e das expressões previamente instituídas. *Espaçostempos* de vivências e(m) experimentações, possibilitando contaminações de sentidos, conhecimentos e culturas múltiplas, não necessariamente, convergentes. (via)gem que seria a própria experiência desde dentro de um pensar-fazer com a arte. *Atra-versar*.

Versos mínimos na movimentação imprevisível, em um potente vir-a-ser que extrapola e subverte as organizações, as demarcações, as utilidades, as explicações, as conclusões sensatas. Versar o que permanece em potência de ser pesquisa em intensidades. *Passagens*, como é intitulado o capítulo *a menor das ecologias* (GODOY, 2008), por entre gestos e afetações em dois contos de Cortázar[3]. *Passar em atra-versamentos...*

A criança introduz na casa novos objetos e novos arranjos que criam disfunções: as coleções sem propósito, as maquinações acerca de o que *aconteceria se...*, *como isso funciona...*, pequenas mas grandiosas traições feitas na aliança com o animal: descobrir e esquecer-se das descobertas, esquecimento criador, aberto para o novo (GODOY, 2008, p. 270).

Janaína G. **está se sentindo confusa com** Cristiane G.

[24 de fevereiro às 07:21](#) ·

Antes de dormir:

_ Lorenzo, quer passar uma água no corpo?

_ Quero, porque se não tomar banho eu vou acordar de noite e vou ficar com vontade de comer chocolate, e aí vou pegar chocolate, subir no telhado e comer escondido.

(Lorenzo, 5a11m)

[#emLorenzês](#)

(Proble)matiz-ar(t)es

A força de um problema não é sua tensão interna, é a *incerteza que ele introduz na (re)distribuição da realidade*

(LAPOUJADE, grifo do autor, 2017, p. 71)

Problemar-te, disfuncionar-te até que, junto a Lorenzo, subamos no telhado para comer chocolate. Refestelar-te. Movimentos (re)distributivos da realidade que nos possibilitam um esquecimento do que se descobriu. Criação. Lorenzês, como nos apresenta Janaína, o gaguejar desde a própria linguagem. Incerteza introduzida no funcionamento de uma linguagem que somente se prestaria a narrar, comunicar, opinar.

Escrever*pesquisar* como expressão, como ação política que não quer se fundar apenas no estar ou não de acordo com o que se enuncia, mas quer, de certa forma, lidar com o sentido e com a linguagem na busca por um dizer/pensar que se aproxime do aberto, do imprevisível e do ficcional, fissurando a força da representação que mora na linguagem (que faz da linguagem morada e do sujeito o guardião e intérprete) (ANDRADE; ROMAGUERA, p. 159, 2012).

Imprevisível e ficcional também no (des)encontro com as fotografias, cartões postais, vídeo-poemas, poesias, falas que pretendem registrar metodologicamente, mas que, ao mesmo tempo, escapam de suas dimensões representativas. Não funcionam mais no ciclo político e estético de uma transcendência dentro da estrutura da pesquisa acadêmica, mas são convidadas a desfilar na avenida. Uma escrita-livro – entendida como estrutura de registro e aprisionamento dos conhecimentos, sentidos e sensações – expulsa. Pulso em movimento por uma metodologia a f(r)iccional a busca por uma composição coesa e coerente, estremecendo o bom-senso, a matizar-se em potência de vida.

Matiz, o claro-escuro da cor, como pensa Deleuze (2007, p. 139) com a pintura. “Se a cor é perfeita, quer dizer, se suas relações foram desenvolvidas por elas mesmas, você tem tudo, a forma e o fundo, o claro e o escuro. A claridade não

é mais a da forma tangível, nem da luz ótica, mas o brilho incomparável que resulta das cores complementares”. Colorismo, a pretender “[...] extrair um sentido particular da visão: uma visão háptica da cor – espaço diferente da visão ótica da luz-tempo” (idem). Dialogando com Goethe, Van Gogh, Cézanne e Bacon, Deleuze nos apresenta essa análise sobre os funcionamentos das cores para tecer o conceito de diagrama nas relações com o tempo e o espaço dos quadros. A matização como a potência dos interstícios claro-escuro da cor. “O vocabulário do colorismo, não apenas o frio e o quente, mas ‘toque’, ‘vivo’, ‘apreender no imediato’, ‘esclarecer’ etc., evidencia o sentido háptico do olho [...]” (DELEUZE, 2007, p. 139).

Modulação em percepção. Olho que toca. Pele que vê. Escrita que matiza as metodologias em intensidade, agente de transformação e não somente de registro e narrativa das pesquisas. F(r)icção como escrita especulativa:

Ali, onde as palavras dão literalmente corpo à suspensão dos fundamentos do pensamento curricular é pela deriva, pelo rebolado da escrita, que a pesquisa pode ser e fazer outra coisa, dizer outra coisa, não porque vai fazer mudar o mundo, mas porque, tal como as coreografias ardentes nas festas escolares, pode nos fazer mudar de mundo. Ficção é sobre o quão a vida pode impregnar a imaginação curricular ao ser o corpo de uma escrita que é transfiguração de mundos (RANNIERY, p. 995, 2018).

Propomos ampliar a relação que o pesquisador nos apresenta sobre pesquisa em currículo para os trabalhos acadêmicos que aqui apresentaremos. Matizes em via(gem) pelas escritas que perfuram e sub-vertem em potências artísticas desejando arrastar o pensar com a arte para os funcionamentos metodológicos.

Matizar.



Figura 1 “... o dia da suposta independência. não me interessam fardas e marchas e continências. gosto do calor dos corpos e(m) trânsitos. gosto do amor que se espalha em campo. gosto das mãos que seguram os delírios dos ventos”. Fonte: <https://www.instagram.com/p/BnovuaFnCqW/>

Matizes des-a-fia-dores em (via)gem

Desfiar em desafio os contornos da escrita em vias de viajar. Viagem pelas intensidades de trabalhos acadêmicos a estender os matizes que os *atravessam*. Que linhas/ritmos são (des)alinhados? Des-afiados? Afiar os sentidos, as sensações, as direções. Des-nortear em expansões por *sul*, *sur*, *south*, como nos propõe Ricardo Basbaum[4].

Para pensar metodologias de pesquisa em sua intensidade, optamos por nos encontrarmos, neste texto, com trabalhos acadêmicos (dissertações e teses defendidos em diferentes Programas de Pós Graduação em Educação no Brasil), naquele momento de defesa, em que o texto ainda está como em tinta fresca, passível de absorver pequenas pegadas de interlocução, ainda em possibilidades de movimentar-se, para fazer uma simbiose que ‘mistura’...e possibilita um devir impensável numa dada realidade dual pré-pensada (no sentido de planejamento).

‘Mistura’ que acontece com uma ocacaixa contendo uma tese em educação. “Pedagogia do Subterrâneo: Narrativas Trans, Éticas, Estéticas e Políticas dos e nos Cotidianos Escolares” Proença (2017). Sem conter, o pesquisador faz voar pensamentos e reverbera nos seus fazeres de professor e diretor, encontros de crianças com o sensível do mundo, transformando o longe em aqui e agora na busca pela paz.

Uma tese, muitos cadernos. Cadernos de estudar e de escutar; de narrar e de viajar, de encontrar e de dizer desses encontros que fazem dobras em pensamentos de subterrâneas pedagogias. Uma tese numa proliferação de devires-publicações, cadernos tomados em sua singularidade na multiplicidade-tese, cada um deles se fazendo precioso objeto a ser manuseado, provocando um co(n)tato a cada vez que dele um corpo se aproxima, ambos se abrindo em movimento, inteiros, por sensibilidades. Uma tese afecção, de cadernos que se fizeram de encontros, na construção de uma poética pela narrativa do vivido.

Poética esta que se faz com e pelos acessos a múltiplas manifestações e artefatos culturais, seja pelas músicas escolhidas para inaugurar cada caderno, ou pela escolha da fotografia como linguagem em composição com as palavras, ou ainda por tão bem fazer funcionar a forma com o conteúdo. Poética que se cria com vidas e obras de artistas como Pedro Lemebel, Bispo do Rosário e Leonilson, Pablo Vittar, Amara Moira e os grupos de música que emergem nas mídias sociais. Uma poética que se extrai das ruas, do *funk*, e ressoa vidas (in)visibilizadas como nos ensina Mc Linn da Quebrada. Poética que cria campos de resistência lá no chão de escola e faz vibrar uma política pelos tantos modos de existência quantos se puder inventar. Poéticas *trans* que nos convidam a resistir educações com e pelos cotidianos.

“As Tramas da Viagem no Contemporâneo produzindo modos de estar no mundo” Rosa (2019), é uma tese de doutorado em educação que nos devolve o prazer de aguardar a chegada do correio, o gesto de abrir envelopes e suspender os fazeres para ler no meio a um cotidiano carregado de ires e vires. Um convite a reler Rilke em “Cartas a um jovem poeta”, Pessoa em “Correspondências”, Drummond em “O Homem: as Viagens”, Nick Bantock em “Griffin & Sabine”, Jacques Prévert em “Carta das ilhas andarilhas. Se são os “deslocamentos provocados por uma viagem” (p. 25) que interessam a esta pesquisadora, Prévert nos desafia a des-localar lugares, numa fabulação infante-juvenil para ilhas que nunca pararão quietas... essas e outras afetações se proliferam a cada vez que entramos pelas páginas desta tese, que nos convida para uma aventura de pensar “a força da viagem como produtora de subjetividades” no contemporâneo (p.

43, 106 e 135); autores dos Estudos Culturais trazem para a tese o “olhar para os sentidos produzidos pelo viajar” na discussão teórica entre os diversos campos que produzem estas subjetividades. A forma narrativa do texto junto com as escolhas gráficas e de diagramação imprimem leveza e cor à tese e resultam num trabalho muito bem cuidado, cujo conteúdo é também a forma, tramando modos de estar no mundo, fazendo composições de uma mala-tese para viagens-espetáculo e viagens-conexões.

Estudar a viagem com e por meio dos *blogs* e das redes sociais me fez enxergar o quão significativo pode ser, para a educação, um debate sobre essa maneira contemporânea de registrar, uma vez que ela transforma o modo de contar histórias e de construir memórias (ROSA, 2019, p. 110).

Memórias a cantarolar “Trem Das Cores”, de Caetano Veloso [5], n’*Os dois lados da janela/E aquela num tom de azul quase inexistente, azul que não há/Azul que é pura memória de algum lugar*. A alertar as pessoas em deslocamento para que não se deixem capturar por essa uniformização de mundo a que estamos e somos submetidos imperceptivelmente. A viagem-conexão, aquela num tom de azul quase inexistente, destaca a poética das páginas azuis de sua “viagem dentro da viagem”, potência estética impregnada de afetos que vai reverberando diferenças em azul ao longo da tese, como as epígrafes que abrem cada capítulo, os destaques de fala dos blogueiros entrevistados, os postais entre as páginas 257 e 281. Lá vem de novo Caetano a poetizar o céu *de um azul celeste celestial... E a seda azul do papel que envolve a maçã*. Uma mala-tese a se revelar numa sinfonia de azuis!

“Pesquisar e escrever sobre viagem..., transformando-a em um ato político” (p. 88), torna-se desejo de uma pesquisadora viajante que constrói “um pensamento movediço de viagem” (p.58), em conexão com a educação pelo “movimento da viagem e pelas possíveis aprendizagens que podem estar manifestas e silenciadas nesse vai-e-vem, atualmente, tão conectada à utilização das mídias eletrônicas”.

Uma tese em educação que se propõe a demorar-se como um gesto transformador de espaçotempos na educação; a cartografar o conceito de corpo-casa multiplicado em processos, fazeres e lugares, colhendo de todos e de cada um suas potencialidades cotidianas; a arriscar-se a pensar pelas falhas, pelas fendas, pelos não, misturando cotidianos arte com educação e cultura numa pedagogia do (des)encontro. “Cotidiano Escolar e Arte: pedagogia do (des)encontro” (Machado, 2019). Pulsos de corpopsamento que a leitura da tese produzem, múltiplos deslocamentos que fazem contágio com outros e outras que escolhem (des)encontrar-se em pedagogias na vida, *seja na rua, na chuva, na fazenda, ou em uma casinha de sapé* (como nos convida a música do Lenine), ou “na escola, no teatro, em viagem, ou num sítio cultural” como a pesquisadora quer.

Na página 18, lemos: “(des)encontros provocam deslocamentos” e esse pensamento faz escolha por demorar-se. Tem forças de argumentação que operam uma síntese no trabalho e reverberam em pensamentos a cada um dos outros dez espaçotempos (capítulos). O gesto de escorrer esta expressão pela página, só-letrando, cria hiatos e grafismos de poema concreto e abre intervalos que nos convidam a um “sair de si” (Yoko Ono). Não se trata de fazer poesia, mas de mixar campos de invenção, de trazer a potência poética para habitar textos acadêmicos. Esse movimento está nas páginas 81; 159; 238, que oferecem a folha toda para uma ideia-imagem-texto. Alternar tamanhos de letras e escrever em ocupação livre do espaço do papel, fazer da folha palco para um poema-dança, dando a ela a solidão que este pensamento merece.

Outra página para destacar é a 80. Traz a força de um inesperado intervalo, uma interrupção espaçotemporal que nos impulsiona ao tato; a mão quer demorar-se na textura destas duas folhas; uma, metafórica, em branco; e a outra, em verde materialidade viva. Do contato com a lisura e a espessura, do contraste de cores e relevos, pulsa uma vontade de cheirar e ficar ali acariciando esta aspereza deslocada. Uma das delicadezas estéticas desta pesquisa.

Pulsam imagens de uma intensa e freireana boniteza entre cores e composições em branco e preto, seja quando inauguram uma narrativa ou a ela se entremeiam, seja quando se reúnem em capítulos imagéticos como no “O corpo da escrita” (p.46 a 58), ensaio primoroso. Fazer vazar das margens essas imagens cria uma desterritorialização visual interessante, combinando com as palavras de Nita Freire nas páginas 245 a 247, produzindo uma ética e uma estética de vida na tese.

A narrativa final e as imagens ali reunidas “100 árvores para um sítio sem árvores” a partir da p. 257, pulsam a boniteza dos deslocamentos que os encontros e desencontros do percurso acadêmico, artístico, educacional, pessoal da pesquisadora, que fazem movimentar as multiplicidades no encontro com a tese.

Fissuras, pesquisas e(m) educações



Figura 2 “alimentamos pombos entre as ladeiras e os graffitis . de quem são as ruas? de quem está nelas . de quem caminha e voa e pinta por elas . de quem rasura suas estruturas . de quem corre aos gritos , nuas , em seus becos e vielas”. https://www.instagram.com/p/Bn3_GrsHmlH/

Por isso alimentamos, por aquilo seguimos, por isso e aquilo fissuramos. Trabalhos acadêmicos em educação a nos perguntar: como estas escolhas metodológicas e(m) fissuras no escrever *pesquisar* podem enfrentar as complexas relações éticas, estéticas e políticas da pesquisa? Afecção de cadernos em co(n)tatos; forças de viagens como forma de resistência ao produzir singularidades; corpo-casa provocando deslocamentos e(m) (des)encontros. Parênteses táteis. Leituras em movimento. Movi-vento de quem rasura estruturas. Fissurar... Sussurrar junto aos milhos e barris e cores... Viajar!

Então, numa viagem, encontramos tanto continentes quanto arquipélagos. O espaço e o tempo se apresentam como possibilidades de serem *isso* e *aquilo*, continente e arquipélago, uma vez que sempre temos um continente a atravessar e uma ilha a encontrar. Não é possível codificar o ponto de partida e o ponto de chegada em determinado espaço como faz o continente, nem esperar um fluxo totalmente livre a partir do qual nada se pode esperar previamente. Tanto a fixidez como a mobilidade, o assentar como o fluir, o ordenado como o caos, um pressupõe o outro, o que não possibilita o fechamento hermético, nem um mundo composto apenas de fluxos (PEREIRA, p. 43, 2018).

Chamamos Nery (2018) para (de)compor os trabalhos acadêmicos em suas "contestações, sub(versões) e os devires das categorias desordenadas" (p.12). Continuando com a autora, seria no caos desconcertante da perambulação pelas ruas da cidade que se anuncia, em uma enunciação, o território a ser "desterritorializado pelas escutas, olhares, dores, gostos, sensibilidades e odores de potências sub(versas) e fluidas" (p. 13).

Irrealidade da linguagem ao sair desse lugar de uma escrita que comunica para pensar uma *escrita* que é gesto e que pinta, dança, canta, escreve, fala, dá comida aos pombos, desterritorializa, viaja. Uma aposta na invenção de um outro *ethos*, um *espaçotempo* ético, estético e político de afirmação de modos outros de ser e estar na e com a pesquisa em educação. Roubar a escrita para pensá-la e, neste roubo, convidar ao movimento metodológico. A que (ir)realidade das coisas uma proposta de escrita como gesto de pesquisa, macerando poéticas de imagens, sons, cores e palavras nos *atra-versaria*? Não se trata de fazer poesia, mas de mixar campos de invenção, de trazer a potência poética para habitar textos acadêmicos.

Seria possível escrever um vídeo atravessando territórios subjetivos da máquina de guerra da cidade com linhas de luz e som, provocando outros atravessamentos ao ser visto? Seria possível escrever com letras, aqui nesse texto, em linhas de palavras, todo o investimento de uma pesquisa em perceber o complexo entrelaçamento de forças dos territórios subjetivos da máquina de guerra da cidade? Experiências entre corpos e cidades empurrando os pensamentos para outras (im)possíveis maneiras de explorar o campo da pesquisa cartográfica? [...] Linhas escritas em vídeo e texto, desenhando um mapa sensório da máquina de guerra da cidade (BASTOS, p. 25, 2018).

Travessia por deslocamentos ao pensar uma metodologia de pesquisa que abra mão das certezas, mas não do planejamento; de uma vontade exclusiva de explicação e interpretação, mas não da análise da/na produção dos dados, eventos e conhecimentos; que esgote a vivência 'em si' nos cotidianos dos estudantes e/ou dos pesquisadores para apostar em uma experimentação em devir; que se faça por composições à deriva, mutante a cada acontecimento, no encontro entre pessoas e objetos e sensações; que se movimente por uma poética da produção de sentidos. Olho que toca, pele que vê, linguagem saboreada. "O que pode um corpo em que o aroma está no tato?" (Queiroz Filho, p. 37, 2015).

[...] quando Deleuze diz que "É próprio da linguagem, simultaneamente, estabelecer limites e ultrapassar os limites estabelecidos" (DELEUZE, 2015, p. 09), talvez fique mais fácil compreender Manoel de Barros, quando ele fala que prefere viajar mais pelas palavras que de trem (BARROS, 2013, p. 332) e talvez, por isso, Deleuze, em *Devir-Manoel*, tenha falado de um "comer as palavras", uma "comestibilidade das coisas" (p. 26-27) como um desafio à linguagem, ao corpo-linguagem não como dualidade, mas como fronteira, como articulação da diferença, dos sentidos e, principalmente, das paixões e do desejo (QUEIROZ FILHO, p. 33, 2015).

Des-narrativas? Como 'produzir dados' em um *des-narrar*? Será possível subverter o ato de escrever até que se torne um movimento em experiência como armas políticas de resistência, fissurando a educação pelas escolhas metodológicas em expressão a *atra-versarem* as *pesquisas*?

[conversas em re-talhos]

[...]

- Azul marinho, conhece? É peixe, pirão e banana verde.

[...]

- Ligar o motor todo mundo sabe, quero ver saber das ondas, conhecer o mar...

[...]

Essa perspectiva visa não perpetuar os padrões, as verdades, as hierarquias, as classificações, as interpretações, os controles políticos e as representações que reduzem as possibilidades de experimentação da vida e do mundo - supondo uma realidade dada e fixando modos de existência. Nessa direção, esses fragmentos re-talhados do meu diário de campo proliferam algumas pistas para essa pesquisa (PEREIRA, p. 61-64, 2018).

Azul marinho que não é cor, mas sabor, peixe, pirão e banana verde (que continua amarela). (Proble)matiz-ar, palavras-sensações a gestarem conceitos de política e estética e(m) pesquisas em educação, onde tal proposição decorre de uma força desencadeada por ela mesma. Perambulações de matizes que pretendam respirar junto ao limite das impossibilidades. Percepções junto a instantes efêmeros e infinitamente potentes - as 'histórias mínimas', o detalhe, o fragmento que não se fixa nem se constitui como realidade, mas uma expressão em atualização. MARavilhar-se! Não pretender somente ligar o motor. *Brasil, meu nego/Deixa eu te contar/A história que a história não conta/O avesso do mesmo lugar/Na luta é que a gente se encontra.*

Despojar-se de regras para o atravessamento das imprevisibilidades: uma piada, um suspiro, um grito, um silêncio, uma frase, uma risada, um sussurro, um gesto ao *mar*:

Marielle presente!

Referências

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; BAU, Eva Arbat; PINTO FILHO, José de Barros (Orgs). Olhares Cotidianos (Re)Velam o Programa Turismo CO2 Neutro. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de. ROMAGUERA, Alda. Currículos Versam Escritas(-)Pesquisas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 153-172, Set/Dez 2012.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.

BASTOS, Louise M. S. **Cidades nômades e(m) subjetivações**: pesquisa(dora) e vendedorxs ambulantes e feiras e santanas e educações. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Feira de Santana. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

CORTÁZAR, Júlio. **Bestiário**. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: Lógica da Sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 5ª. Edição, 2015.

DELEUZE Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs** Vol 4. Tradução de Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética III, Def 3**. São Paulo: Edusp, 2015.

GODINHO, Ana. Máquinas anômalas e nômadas: do que ainda não existe ao que já não existe mais. Ou do que já não existe mais ao que ainda não existe. IN: AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. ROMAGUERA, Alda. **Conexões: Deleuze e máquinas e devires e...**, Rio de Janeiro: DP&Alli, 2016.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: EDUSP, 2008.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MACHADO, Carmem Silva. **Cotidiano Escolar e Arte**: pedagogia do (des)encontro. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2019.

NERY, Vívian C. R. **Espetáculos per(formáticos) abalam as fronteiras da cidade sub(versiva)**. Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Feira de Santana. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

PEREIRA, Laís de P. **(des)afinando os sentidos**: experimentações de um devir-caiçara, (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Pedagogia do subterrâneo**: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **Sentidos à mesa**: o sabor da linguagem e da paisagem quando a poesia está posta. Geografias. Vol. 11, n. 2, jan./jul., 2015.

RANNIERY, Thiago. **Vem cá, e se fosse ficção?** Praxis Educativa, v. 13, n. 3, 2018.

ROSA, Jane Petry da. **As Tramas da Viagem no Contemporâneo produzindo modos de estar no mundo**. Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2019.

VILELA, Eugénia (2010). **Silêncios Tangíveis**. Corpo, resistência e acontecimento nos espaços contemporâneos de abandono. Porto, Edições Afrontamento.

[1] "Portanto, enquanto as escolas historiográficas debatem as fontes que confirmam ou negam Luiza Mahin, ou mesmo tentam apreender o movimento em torno da datação de sua gênese ontológica, o livro em questão se dedica a discutir como este símbolo se desdobra no transcorrer da história, ou seja, como persiste na história e se atualiza diante da luta contemporânea." (Lutas Sociais, São Paulo, vol.20 n.36, p.207-208, jan./jun. 2016.) (p.2017, Marcio Farias). Resenha do livro de Dulci Lima "Desvendando Luiza Mahin: Um Mito Libertário no cerne do Feminismo Negro" Um clássico em potencial do feminismo negro no Brasil.

[2] Leandro Vieira é o carnavalesco. Enredo: História pra Ninar Gente Grande. Autores: Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino Intérprete: Marquinhos Art'Samba. Site da Mangueira falando sobre o enredo: <http://www.mangueira.com.br/carnaval-2019/enredo>

[3] Os contos "Bestiário" e "Casa tomada" de Júlio Cortázar, fazem parte do livro "Bestiário", publicado no Brasil pela Editora Civilização Brasileira (2014).

[4] <http://www.pipaprize.com/pag/artists/ricardo-basbaum/> sul, sur, south, 2009 diagram Sitac VII, Mexico City.

[5] Álbum "Cores, Nomes", 1982, Polygram.